

BETAR & ARTES & LETRAS

#144 | SETEMBRO | 2022

Meo Kalorama

lisboa recebe novo festival de música,
arte e sustentabilidade

B
Betar

B Desde 1973
na vanguarda
da engenharia



Ponte de Caia, Moçambique

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**

Sede: **Av. Elias Garcia nº 53, 2º Esq. 1000-148 Lisboa**

Administração: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Redatora: **Cátia Teixeira**

Design: **Jonas Reker**



Após a pausa de verão, os eventos culturais regressam em alta. A Artes&Letras sugere grandes espetáculos musicais, exposições, teatro e performance. Não perca o ritmo do lazer e desfrute. Nas artes, o Museu Bordalo Pinheiro, em Lisboa, tem patente a mostra “Bordalo em Trânsito”, com uma releitura dos temas de Bordalo Pinheiro à luz do presente; e a Casa da Arquitetura, em Matosinhos, apresenta um acervo relativo a mais de 40 anos de trabalho do arquiteto Carrilho da Graça. Na Aula Magna, a poetisa, artista e performer Rupi Kaur propõe uma performance com peças inéditas e os grandes sucessos dos seus livros icónicos, numa experiência única de declamação de poesia. E no Teatro Nacional Dona Maria II, Pedro Penim encena a peça “Casa Portuguesa”, que tem como pano de fundo os acontecimentos recentes da nossa democracia e revisita as feridas abertas da Guerra Colonial. Quanto a música, este mês, os Arcade Fire vêm apresentar o seu novo álbum “WE”, em dois concertos no Campo Pequeno; Rodrigo Brandão atua com The Sun Ra Arkestra, na Culturgest de Lisboa; o festival Santa Casa Alfama regressa com grandes nomes do Fado; e Rui Massena sobe ao palco da Casa da Música para mais um concerto memorável. É também em setembro que Lisboa recebe o novo festival de música, arte e sustentabilidade, Meo Kalorama, um conceito alinhado com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis, com um cartaz incrível.

EDITORIAL

Vitor Brito

editor convidado

BETAR

Uma das pontes que liga as duas margens do Rio Tejo, numa extensão de 756m, teve a intervenção da BETAR ao nível do Projeto de Reforço e Reabilitação, inspeção, avaliações e ensaios



A

obra de arte é caracterizada por uma superestrutura metálica em caixão, que tem como base duas vigas verticais longitudinais em treliça travadas inferior e superiormente por contraventamentos metálicos. Ao nível

da corda inferior existe uma estrutura constituída por uma grelha metálica que permite o suporte do tabuleiro em betão armado.

A intervenção realizada consistiu na realização de um levantamento de pormenor, inspeção especial, inspeção subaquática e elaboração do projeto de reabilitação e reforço da ponte.

Relativamente ao reforço, adotaram-se aparelhos de apoio de elevado amortecimento para apoio da superestrutura nos pilares e encontros em cantaria. Este procedimento foi fundamental para baixar a resposta da estrutura e repartir a ação sísmica por todos os pilares. Ainda assim foi necessário reforçar a base dos pilares e fundações.

Ponte Metálica da Chamusca sobre o Rio Tejo, Santarém, Portugal

Projeto: 2002/2005

Construção: 2007/2008

Cliente: Infraestruturas de Portugal SA (ex Estradas de Portugal, EPE)

Solução: Obras de Arte, Gestão de Ativos

Âmbito: Projeto de Reforço e Reabilitação, Inspeção, Avaliação de Segurança, Levantamento de Pormenor, Mapeamento de Anomalias e Ensaios aos Materiais

À CONVERSA COM



Eng. Jorge Pereira - VIALITORAL

“A VR1 é uma estrada (...) construída numa orografia acidentada. Cerca de 70% da nossa infraestrutura é, grosso modo, em ponte ou em túnel e isso distingue-nos da generalidade das concessões”

Fale-nos um pouco do seu percurso.

Nasci no Funchal e licenciiei-me em Engenharia Civil, opção de Hidráulica, na Universidade de Coimbra, em 1983. Comecei a trabalhar logo em seguida nas “águas” da Câmara do Funchal. Havia muita falta de engenheiros. Fiz um mestrado em Hidráulica e Gestão de Recurso Hídricos do Técnico, em Lisboa, e depois iniciei o doutoramento. Ia o doutoramento a meio, em 1989, quando tive a oportunidade de ir em substituição como Deputado para a Assembleia da República. Deu cabo do doutoramento mas foi uma espécie de segundo curso, também de vida. Em 1991, o Dr. Alberto João convidou-me a presidir ao Instituto de Gestão da Água (IGA) da Madeira. Voltei em permanência para a Região e, durante cerca de 10 anos, dei o meu melhor, para criar e consolidar, a partir do zero, um organismo que gerisse de forma integrada as águas da Região. Orgulho-me muito do trabalho que fizemos, de interligação de origens de água, de novas captações subterrâneas, de melhoria da qualidade da água de consumo humano e respetivo controlo. A certa altura comecei a admitir mudar de vida. E foi isso que sucedeu quando me convidaram para ir gerir a VIALITORAL. Ainda não tive oportunidade para retomar o doutoramento. Estou há mais de 20 anos a gerir estradas e a lecionar “Transportes e Vias de Comunicação”, na UMA, há mais de 10.

A VIALITORAL é responsável pela exploração e manutenção da mais

importante via rápida da Madeira, desde 2000. Pode falar um pouco das particularidades da infraestrutura?

Trata-se da primeira Concessionária SCUT a operar em Portugal, com o direito a explorar a estrada por 25 anos. Esse direito teve por contrapartida um pagamento, nos termos de um exigente contrato, o dever de a conservar e, no fim, de a devolver em condições invejáveis para o padrão habitual da rede rodoviária nacional. Mais, poderemos vir a ser a primeira concessionária nacional a passar por um processo de reversão da infraestrutura, pois aproxima-se a data prevista para termo do nosso contrato, janeiro de 2025. Quanto aos estados de manutenção e conservação do que nos está concessionado, particularmente em matéria de obras de arte e túneis, a BETAR estará até, porventura, em melhores condições do que eu, para atestar em que nível nos situamos, num “ranking” comparativo. Não tememos comparações. No plano das características da infraestrutura também somos singulares. Em termos gerais, a VR1 é uma estrada com 44 km de extensão com duas faixas unidirecionais, cada uma com duas vias literalmente construída numa orografia acidentada. Daí conter uma excecional densidade de túneis e obras de arte. Desde 2017, 7 dos 44 km da VR1 foram devolvidos à gestão pública. Temos, contudo, ainda concessionados cerca de 30 túneis e 14 dezenas de Obras de Arte em ponte, viaduto ou em PI´s. Ou seja, cerca de 70% da nossa infraestrutura é, grosso modo, em ponte ou em túnel e



isso distingue-nos da generalidade das concessões. Quer a exploração quer a conservação, por quilómetro de estrada, são necessariamente mais exigentes e caras.

Quais as suas principais funções na VIALITORAL?

Como Diretor Geral tento gerir a empresa num quadro de confiança, organização, disciplina, profissionalismo, exigência, empenho, entusiasmo e respeito por todos os envolvidos. Funcionamos como equipa e temos sido minimamente bem-sucedidos. Tenho muito orgulho no empenho do nosso pessoal. Depois há provas de uma grande confiança depositada em nós pelos acionistas e, há que reconhecer, pela própria Concedente, o que muito agradecemos. Isso permite-nos autonomia de decisão e programar as ações a maior prazo, para cumprir com o nosso compromisso. Em matéria de segurança na circulação dos utentes afirmamos ser uma prioridade da concessionária e estamos descansados com o estado da nossa infraestrutura. A redução da sinistralidade rodoviária na nossa estrada é um objetivo permanente. A nossa estrada é

muito difícil e quando os indicadores se degradam reprogramamos investimentos pois, como é sabido, pavimentos de qualidade trazem menor sinistralidade.

Desde o início da concessão que a BETAR presta apoio na gestão e inspeção do significativo número de obras de arte, bem como na assessoria e acompanhamento técnico na área das pontes. Em que medida a BETAR tem contribuído para os vossos objetivos?

A BETAR é um parceiro da primeira hora e um pilar em quem confiamos. É uma empresa com conhecimento e cada vez com mais mundo, e isso ajuda. Como também está envolvida em como fazer, não intervém simplesmente a dizer o que está mal feito. Em mais de 20 anos, tivemos boas e más horas, na nossa infraestrutura, incluindo a necessidade de encontrar soluções não “standard” para problemas especiais. Houve também a necessidade de enfrentar eventos excecionais, alguns de grande impacto na Região. A BETAR nunca falhou e logo que admitiu que pudéssemos estar a ter problemas disse “presente”. Isso é também identificador da postura da empresa.

SUGESTÕES

ARTES



Bordalo em Trânsito

Esta exposição é uma releitura dos temas de Bordalo Pinheiro à luz do presente, com a preciosa nota de que o espírito crítico e o humor podem ser os aliados perfeitos para a construção de uma cidadania ativa, participada e construtiva. “Bordalo em Trânsito” está organizada em três núcleos: Bordalo ao espelho, Zé Povinho, Identidade e Política e Bordalo à Mesa, convidando o visitante a percorrer a obra do artista, num ensaio que revisita os seus temas de eleição e oferece uma leitura plural e informada do seu talento, criatividade e notável capacidade de trabalho. **ATÉ 30 DE NOVEMBRO**

Museu Bordalo Pinheiro, Lisboa

ARTES

Flashback/ Carrilho da Graça

Tendo como base o acervo relativo a mais de 40 anos de trabalho do arquiteto Carrilho da Graça, esta mostra permite reviver o momento da elaboração de vários projetos representados através de desenhos, filmes, maquetas e fotografias, a que se somam diversas referências externas à sua obra, produzidas noutros contextos e por outros autores: desde Blue, Red, Yellow (2019), de Julião Sarmento, a Architectone: Alpha (1923), de Kazimir Malevich. A exposição permite ao visitante reviver o momento da elaboração de dez projetos, desde a Casa Fonte Fria (1985–1988) ao Terminal de Cruzeiros de Lisboa (2010–2018). **ATÉ 29 JANEIRO 2023**



Casa da Arquitectura, Matosinhos

Após a pausa de verão, os eventos culturais regressam em alta. A Artes&Letras sugere grandes espetáculos musicais, exposições, teatro e performance. Não perca o ritmo do lazer e desfrute

PERFORMANCE



Rupi Kaur

A poetisa, artista e performer Rupi Kaur vem à Aula Magna apresentar uma performance com peças inéditas, poemas do seu último livro “home body” e os grandes sucessos dos seus livros icónicos “milk and honey” e “the sun and her flowers”. Conhecida pela voz inesquecivelmente poderosa, Rupi leva o público numa viagem pela perda pessoal e amor, crescimento, saúde mental, comunidade, amizade e força.

Sendo esta uma digressão mundial, o espetáculo integra uma seleção de músicas e projeções originais, criando uma experiência imersiva, em que Rupi Kaur encanta com as suas histórias pessoais e humor inegável.

Eleita como “Escritora da década” pela The New Republic, Rupi Kaur traz a Lisboa uma performance cativante, com toda uma nova experiência de declamação de poesia. **DIA 29 DE SETEMBRO**

Aula Magna, Lisboa

MÚSICA



Arcade Fire

DIAS 22 E 23 DE SETEMBRO NO CAMPO PEQUENO, EM LISBOA

Uma das maiores bandas do momento vem apresentar o seu novo álbum “WE” com dois concertos em Lisboa. Depois do sucesso e receção arrebatadora dos singles “The Lightning I, II” e “Unconditional I (Lookout Kid)”, o tão aguardado sexto álbum dos Arcade Fire foi lançado com anúncio da Tour Mundial.

Rodrigo Brandão com The Sun Ra Arkestra

DIA 23 DE SETEMBRO NA CULTURGEST, LISBOA

A viver em Lisboa desde 2019, Rodrigo Brandão absorveu a energia criativa do jazz livre para as suas palavras, textos e improvisos. “Outros Mashup” é a nova ponte de Rodrigo Brandão que liga mundos e consciências, de Lisboa a São Paulo, por via de Nova Iorque e África, criando música, discurso e espiritualidade.



Santa Casa Alfama

DIAS 23 E 24 DE SETEMBRO NAS RUAS DE ALFAMA, LISBOA

O grande festival de Fado está de regresso a um dos bairros mais tradicionais de Lisboa, Alfama. Dia 23 haverá homenagem a Max por António Zambujo; Jorge Fernando; Rodrigo Lourenço e João Leote; e dia 24 Dulce Pontes convida Ricardo Ribeiro; Aldina; Alexandra; Lenita Gentil; Maria da Fé; Maria da Nazaré.



Rui Massena

DIA 29 DE SETEMBRO NA CASA DA MÚSICA, PORTO

Rui Massena é maestro, compositor, produtor e performer. Dirige e toca ao vivo em salas de concerto por todo o mundo e a sua música está hoje ao lado de grandes compositores mundiais como Philip Glass e Ludovico Einaudi. Este é um concerto a não perder, numa sala mística.



FESTIVAL

Meo Kalorama

Lisboa vai ser desafiada a perceber que “estar presente” não é sinónimo de “ter wi-fi”. O Meo Kalorama propõe sentir a música e saborear cada momento como ele verdadeiramente é, único e irrepetível. O novo festival de música, arte e sustentabilidade, além de uma proposta musical de alta qualidade, está alinhado com a Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis, pretendendo reduzir ao máximo o seu impacto ambiental e gerar benefícios culturais, sociais e económicos duradouros. Quanto ao cartaz, pode dizer-se que é incrível: Arctic Monkeys, The Chemical Brothers, Ornatos Violeta, Chet Faker, Moderat, Blossoms, Peaches, The Lathums, Disclosure, Jessie Ware, Crawlers, Jake Shears, Marina Sena, Bruno Pernadas, Club Makumba, D’Alva, Fred, Golden Slumbers and Xinobi Live. **DE 1 A 3 DE SETEMBRO**

Parque da Bela Vista,
Lisboa

TEATRO



Casa Portuguesa

Em data incerta, num bar em Moçambique, três portugueses escrevem a canção “Uma Casa Portuguesa”, um fado pobre e alegre que reproduz um saudosismo, ao gosto da ideologia do Estado Novo.

Em 1968, Joaquim Penim, parte, a contragosto, para a Guerra Colonial em Moçambique. E em 2021, Emanuele Coccia edita “Filosofia Della Casa”, um ensaio que descreve a casa como um espaço em que injustiças, opressões e desigualdades. É da conjugação destes três fatores que nasce o espetáculo “Casa Portuguesa”, uma peça que conta a história ficcional de um ex-soldado da Guerra Colonial que se vê confrontado com a decadência e a transformação do ideal de casa, de família, de país e da figura paterna, tendo como pano de fundo os acontecimentos recentes da nossa democracia e revisitando as feridas abertas da nossa história. **ATÉ 16 DE OUTUBRO**

Teatro Nacional D. Maria II
Texto e encenação: Pedro Penim
Interpretação: Carla Maciel, João Lagarto, Sandro Feliciano e Fado Bicha (Lila Tiago e João Caçador)

MOÇAMBIQUE

ARTES

Concertos e documentários

Setembro traz muita oferta à cidade de Maputo. Entre música e documentários, as propostas são muitas. No dia 28 a capital de Moçambique conta com três concertos: Electronic Nu Jazz Trio, no Dolce Vita; Música clássica com Stefan Louw, Setella Mendoça, Sónia Mocumbi e Krisztina Wajsza, no Hotel Polana; e Quartas de reggae, no Gil Vicente Bar. No dia 29 serão exibidos os documentários “Li Ke Terra”, de Filipa Reis, João Miller Guerra e Nuno Baptista; “Avó (Muidumbe)” e “Nshajo (o Jogo)” de Rachel Schefer; e “Itoculo 2009” de Nuno Ventura Barbosa, no pátio exterior do Instituto Camões.

DIAS 28 E 29 DE SETEMBRO EM MAPUTO



ARTES



Teatro e concertos

Este mês, para além de muita música, em vários locais da cidade de Maputo, é possível assistir também a um bom espetáculo de teatro. No dia 30 de Setembro, a peça “Destinos trocados” sobe ao palco do Cine-teatro Gilberto Mendes.

No que respeita a concertos a oferta é diversificada: Ecarte-Jazz com Chico António e Chude Mondlane, no Museu de Historia Natural; João Cabral ao vivo com Xixel e Samito Tembe, no Cena Loca; Ragga, reggae e hip hop com Abba Meskel, Jazz P e YPG, no Gil Vicente Bar; e Lena Baule ao vivo, no Mafalala Libre.

DIA 30 DE SETEMBRO EM MAPUTO



VIAGEM

Praga

Praga é verdadeiramente uma cidade imperial. O ambiente medieval que envolve a zona mais antiga faz-nos recuar no tempo e entrar numa história diferente da nossa.

De uma riqueza arquitetónica singular, a capital da República Checa está recheada de monumentos históricos, cultura e tradições. Calcorrear a pé o centro histórico, bem no coração da cidade, é uma experiência encantadora. Um autêntico museu a céu aberto.

O postal principal é a Ponte Carlos, construída em 1357. Sustentada por 16 arcos e adornada com imagens de santos, a estrutura que liga a cidade velha à outra margem do rio Moldava, vale um passeio descontraído e muitas fotografias.

Outro marco fantástico é a Torre do Relógio. Numa fachada gótica impressionante, dois relógios marcam a posição do sol, da lua e dos planetas bem como os símbolos do zodíaco.

Uma caminhada por entre becos, ladeados por casinhas antigas, conduziu-nos à Igreja de Nossa Senhora de Týn, uma das muitas, também de estilo gótico, que contrasta com outras construções barrocas e sinagogas.

Praga é ainda conhecida pela quantidade de torres. Quando terminou de ser construída, em 1364, a Torre da Old Town Hall era a mais alta da cidade. Afastado do centro, e um pouco fora da rota turística, o Castelo de Vysehrad merece, sem dúvida, uma visita, mais não seja pela perspetiva singular que temos sobre a cidade e sobre o rio.

Igualmente fora da parte antiga, existe um edifício de arquitetura contemporânea e arrojada. O centro cultural, mais conhecido por “Casa Dançante”, passa uma surpreendente ideia de movimento.

por Cátia Teixeira



FILME

Django Libertado

O filme de 2012 de Quentin Tarantino, sobre a escravatura nos EUA, é um western sobre justiça e vingança. Dito assim, poderíamos pensar que é como tantos outros, no entanto, trata-se de uma obra absolutamente singular, devido à ousadia de Tarantino, que apostou, uma vez mais, em fazer um filme original e alucinado, com um elenco de peso.

Somos, desde logo, apresentados a um alemão, King Schultz (Christoph Waltz), que mata foragidos da lei a troco de recompensas. Schultz é totalmente louco e responsável por parte da comédia presente no filme. Ao cruzar-se com o escravo Django (Jamie Foxx), decide comprá-lo, para o ajudar a capturar dois assassinos que procura, com a promessa de o libertar assim que isso acontecer. Cumprido o objetivo, o justiceiro cumpre também a promessa, mas Django opta por continuar ao seu lado, perseguindo o objetivo de encontrar a sua esposa, Broomhilda (Kerry Washington), comprada por outros proprietários, anos antes. Conseguem localizá-la numa plantação de Calvin Candie (Leonardo DiCaprio). Ao tentar negociar a compra de Broomhilda, Django e Schultz são desmascarados por Stephen (Samuel L. Jackson), antigo escravo de confiança de Candie. A partir daqui, Django eleva o desejo de vingança a outro nível e a violência e sangue das cenas seguintes, bem ao estilo de Tarantino, representam o grito de liberdade pelos horrores vividos pelos escravos no sul dos EUA.

Com uma dimensão histórica e política inegáveis, e muito bem conseguido, “Django Libertado” é um filme brutal, em todos os sentidos da palavra.

por Cátia Teixeira



B
Betar

**DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**

Ponte de Tete, Moçambique